

CAPOEIRA, CRISE CLIMÁTICA E COSMOVISÃO

Ensinamentos do Mestre Cobra Mansa no evento *Volta ao Mundo*

CAPOEIRA, CLIMATE CRISIS AND COSMOVISION
Teachings of Master Cobra Mansa
at the “Volta o Mundo” event

Mestre Cobra Mansa¹, Mestre Jarrão²,
Tais Beltrame dos Santos³ e Otávio Gigante Viana⁴

Apresentação:

O texto que segue tem origem na fala de Mestre Cobra Mansa, registrada em uma roda de conversa mediada por Maria de Fátima Duarte dos Santos durante o *Volta ao Mundo – Encontro de Mestres de Capoeira do RS*⁵, realizado em Pelotas, nos dias 04 e 05 de julho de 2025. Inserida na temática “Capoeira, Crise Climática e Meio Ambiente”, sua intervenção se configurou como um gesto de partilha e reflexão coletiva. O encontro, aberto e gratuito, foi concebido como espaço de preservação, debate e difusão da capoeira, reconhecendo-a como prática ancestral e movimento cultural de resistência, criação e transmissão de saberes. Ao reunir importantes mestres, capoeiristas e comunidade do estado e do Brasil, a fala do Mestre Cobra Mansa, mas todas as práticas que aconteceram na ampla dimensão do evento, reafirmaram a capoeira e sua dimensão social, política, espiritual e ecológica.

1 Dr. Cinézio Feliciano Peçanha. Mestre de Capoeira, professor e pesquisador, iniciou-se na capoeira em 1973, no Rio de Janeiro, e, a partir de 1974, passou a estudar Capoeira Angola com Mestre Moraes, com quem fundou o Grupo Capoeira de Angola Pelourinho (GCAP), em Salvador. Posteriormente, levou a capoeira para os Estados Unidos, onde foi um dos fundadores da Fundação Internacional de Capoeira de Angola (FICA), reconhecida mundialmente e com sedes em diversos países da Europa, Américas e Ásia, onde atuou por 30 anos, até 2022. Nesse período também atuou como professor adjunto na Universidade George Washington, em Washington DC. Atualmente, é responsável pelo Centro Cultural e ecológico Kilombo Tenondé, na Bahia, espaço dedicado à Capoeira Angola e a práticas de agroecologia, permacultura, bioconstrução, agrofloresta e organização comunitária e parte do grupo Mukanda de capoeira Angola. Reconhecido internacionalmente, Cobra Mansa é respeitado por sua habilidade singular no jogo, por sua contribuição para o diálogo entre a Capoeira Angola e a Regional, e por suas pesquisas sobre as origens africanas da capoeira, especialmente em Angola e Moçambique. Além de sua trajetória como mestre de capoeira, é Doutor pelo Programa Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia (DMMDC/UFBA, 2019), com a tese Renascimento do Engolo do grupo Nyaneka-Humbe em Angola. É pesquisador em artes marciais e arcos musicais africanos, cultura bantu, cosmologia Bakongo, identidade e ancestralidade.

2 Carlos Bento Freitas Barcellos Junior. Mestre de Capoeira, professor, escritor e agente da cultura popular, com 30 anos de trajetória dedicada à inclusão e à cidadania por meio da capoeira. Atua em comunidades periféricas de Pelotas, em Quilombos e bairros, desenvolvendo projetos sociais como Capoeira no Bairro, Capoeira no Quilombo, Povo que Ginga e Vem Ler Mais Eu. É Mestre e administrador da Escola de Capoeira Povo que Ginga. Entre 2015 e 2018, lecionou capoeira na University of Essex, em Londres. É autor dos livros “O Ser Capoeirista” (2013), traduzido para inglês e francês, e “O Encontro de Si na Capoeira” (2024). Recebeu o Prêmio Movimento como Agente Cultural em Pelotas (2020) e o Prêmio MINC Sérgio Mamberti de Mestre da Cultura Popular (2024).

3 Capoeirista. Doutoranda em Arquitetura (PROPAR/UFRGS). Mestra em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2021). Arquiteta e Urbanista (UFPel/2018). Licenciada em Artes Visuais (UFPel/2025).

4 Capoeirista. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2025). Arquiteto e Urbanista (UFPel/2017). Graduando em Artes Visuais - licenciatura (UFPel).

5 Organizado por Mestre Jarrão, com o apoio do grupo de capoeira Povo que Ginga, com financiamento da PNAB2024/SEDAC/RS.



Figura 1 - Mestre Cobra Mansa abrindo a roda de capoeira do evento, na Praça Coronel Pedro Osório. Pelotas-RS. Fonte: Tais Beltrame dos Santos, 2025.

Mestre Cobra Mansa, com sua fala tranquila e bem humorada, convocou uma escuta atenta às formas de organização comunitária, à autogestão e ao cuidado com o território como dimensões inseparáveis da capoeira. Suas contribuições vem de suas largas experiências enquanto capoeirista, pesquisador e docente, mas também a partir das práticas compartilhadas no Kilombo Tenondé, Associação eco educativa e cultural.

Inspirado na memória viva de quilombos e no legado histórico de comunidades de resistência formadas a partir da organização autônoma de povos africanos escravizados, em diálogo com populações indígenas e outros sujeitos dissidentes do sistema colonial, o Kilombo Tenondé se constituiu como um quilombo contemporâneo que busca resgatar a filosofia, os valores e as práticas de convivência, autonomia e harmonia com a natureza que marcaram essas experiências históricas. O projeto articula ações ecológicas, educativas e culturais a partir de dois espaços de encontro complementares: o Centro Eco-educacional, localizado em uma área rural na Bahia, voltado ao desenvolvimento autossustentável, à permacultura e à agrofloresta; e o Centro Cultural, situado no subúrbio de Salvador, que oferece atividades formativas e

artísticas à comunidade. Aberto à participação coletiva, o Kilombo Tenondé se constrói em um ritmo próprio, valorizando o fazer em comum, a troca de saberes e o engajamento de pessoas dispostas a contribuir para a criação de modos de vida mais justos, criativos e enraizados. Dentre suas principais ações, destaca-se o Cosmoangola, encontro que reúne mestres, lideranças, ativistas de movimentos sociais e pesquisadores em torno da capoeira angola, da cosmologia bakongo e de práticas artísticas, formativas e culturais. O evento se constitui como um espaço de encontro e partilha, com o objetivo de estimular as trocas de saberes contracoloniais, revitalizar e fortalecer a visão afro-pindorama e quilombagem (Kilombo Tenondé, 2025)⁶.

A fala bonita de Mestre Cobra Mansa no evento, marcada por uma lucidez que agita a capoeira como campo de reexistência, resistência e reinvenção, explicita a indissociabilidade entre a crise ambiental, as práticas culturais e os modos de vida que se produzem tanto na cidade quanto fora dela. Sua reflexão desloca paradigmas ambientalistas hegemônicos e reinscreve o cuidado com a terra no horizonte das cosmologias africanas e indígenas, evidenciando que algumas coisas que hoje se apresentam como inovação técnica são na verdade práticas ancestrais. Com o otimismo da ginga e a autoridade humilde de um conhecimento acumulado no corpo, na experiência e na coletividade, Mestre Cobra Mansa aponta possibilidades concretas para pensarmos formas de existência mais compartilhadas e menos subordinadas a um sistema colonial-capitalista e anuncia a capoeira como um movimento potente para a experimentação desses outros modos de ser.

Palestrante

Mestre Cobra Mansa

Organização do evento

Mestre Jarrão e Grupo de Capoeira Povo que Ginga

Transcrição

Taís Beltrame dos Santos e Gabriela Droppa Trentin

Apresentação

Taís Beltrame dos Santos e Otávio Gigante Viana

Revisão

Taís Beltrame dos Santos e Otávio Gigante Viana

Da permacultura à cosmangola

Gente, na verdade, eu não vou falar de crise climática porque está muito além do meu alcance e do alcance de todos nós. A crise climática é uma questão global. É uma responsabilidade nossa, em primeiro lugar, mas é também um plano do governo, que não dá para se fazer nada se não tiver essas grandes corporações mudarem o seu sistema capitalista mesmo predatório.

Então, um dos grandes debates, hoje em dia, que nós temos é como é que nós podemos ter certos avanços tecnológicos com a preservação do ambiente. Porque parece que há um certo embate, né? As duas coisas não se combinam.

Na verdade, não combina com o que as pessoas estão pensando nos lucros imediatos e não nas consequências. Todos nós consumimos, e esse nosso consumo desenfreado é o que gera o que nós temos hoje, essas condições climáticas. O seu celular, o seu computador, a própria comida.

Muitas vezes que a gente vai em vários supermercados, todo mundo quer comprar mais barato. Só que esse mais barato tem um outro custo que está embutido e que muitos de nós não conseguem ver. Tudo que for barato tem um custo ambiental de que tu é cavacado lá.

Só que a gente não percebe isso. Então, assim, é muito maior do que a gente pode imaginar. O que eu posso falar para vocês é do trabalho que eu tenho tentado fazer.

E por que eu tenho falado tentado fazer? Não tenho conseguido. A 25 anos atrás, eu conheci um sistema que se chamava permacultura.

Talvez algum de vocês já tenha ouvido falar disso. Permacultura é um sistema que trabalha integralmente, é como se fosse o ar da chuva e que tudo que você for fazer, você tem que pensar no impacto que isso vai causar. Então, se você vai construir uma casa, você vai tentar construir a casa num local onde tenha uma posição de sol, como é que você vai aproveitar melhor a água da chuva.

Tem todo um sistema. Se você vai plantar, quais as plantas que combinam umas com as outras para que você não tenha que usar veneno na sua terra, como é que você pode utilizar os resíduos que você tem na sua casa, o resto da comida, como é que você pode compostar. Então, há um sistema.

E quando eu descobri isso, fiquei fascinado. Sempre gostei de agricultura, desde pequeno, mas foi nos Estados Unidos que conheci a permacultura⁷. Quando cheguei ao Brasil, descobri que já havia um grupo de pessoas trabalhando com ela, e então decidimos realizar um trabalho juntos. Só que eu descobri o seguinte, que a maioria das pessoas que trabalhavam com permacultura, até brincavam, falavam, pô, aqui só tem a perma, está faltando a cultura. Porque não tinha nada de cultura. O pessoal não sabia de capoeira, de maracatu, de... A cultura em si, ela não estava lá. E aí, eu resolvi... Esse cara seria massa, se fosse capoeirista, como eu, se conhecesse a permacultura.

6 Para saber mais, acesse: <https://kilombotenonde.net/>.

7 Sobre a possibilidade de vislumbrar a permacultura como um movimento periférico, contracolonial e feminista, ler mais em: SARNO, Luciana N. *Permacultura periférica: reflexões contracoloniais e feministas para um debate necessário*. Perma – Revista de Permacultura (Perma jour.), v. 2, n. 1, e21202404, primavera de 2024. Disponível em: <https://redepermacultura.ufsc.br/perma/index.php/revista/issue/view/2>

Imagina um cara de capoeira, trabalhando na terra, fazendo preservação no meio ambiente, isso ia dar um impacto legal. Imagina aí os capoeiristas do mundo inteiro começando a fazer reciclagem, gastando menos prato, consumindo menos, eu começando a sonhar, a viajar mesmo. E aí, o que aconteceu?

Eu resolvi fazer um evento em que eu pudesse trazer as pessoas da permacultura, porque os caras não sabiam nada da cultura. Falei, se a galera não conhece capoeira, se a galera da permacultura tem que conhecer a capoeira, e a galera da capoeira tem que conhecer a permacultura. E aí, eu estava junto com uma amiga na época, que é a esposa do Guaxinim hoje em dia, a Isabel, e a gente falou, vamos fazer esse evento.

Olha, eu vou dizer uma coisa para vocês bem simples. A galera que é louca, igual eu, se você tiver uma ideia, e aí conversar com outro maluco igual você, e ele dizer, legal, aí vocês dois chegarem para o outro maluco e dizerem assim, e aí, o que você acha? Ele diz, vamos fazer?

Já está feito. Só basta três malucos para ter uma ideia, um negócio acontecer. É verdade!

Eu falei para vocês as coisas mais loucas que aconteceram, foi assim, alguém teve uma ideia, só que o outro cara, que era maluco igual a ele, disse que era legal. Aí eles já se entusiasmaram. É louco?

E aí o terceiro disse, vamos fazer? Então, o que aconteceu? A esposa do Guaxinim, vamos lá, vamos fazer.

Aí, como é que vai ser o nome? Permangola. Permacultura e capoeira angola.

E aí, eu na maior entusiasmo, vou fazer. Na época, eu tinha recém comprado uma área, que é uma fazenda, e aí não tinha nada lá, só mato. Eu falei, vamos fazer lá.

Não tinha espaço para o pessoal dormir, não tinha nada. Eu falei, vamos fazer, está todo mundo de barraca, a gente monta um negócio lá e tal. Não era inverno igual aqui, viu?

Só para dizer para vocês, não era inverno. Era verão, janeiro, tá bom? Verão na Bahia.

Aí, só que o que eu achava que era uma coisa legal, a galera achou que era uma loucura. Fazer capoeira no meio do mato, no meio do doideira do Mestre Cobrinha, rapaz. Todo mundo estava acostumado ao quê? Eventos, centro da cidade, no espaço bonitinho, bora fazer capoeira no meio do mato, a natureza lá. Mas teve uma galera que achou que era legal. Então, o primeiro evento a gente fez, tem umas 30, 40 pessoas.

Foi muito legal para mim, pessoalmente, porque a gente aprendeu muita coisa sobre bioconstrução, construir com bambu, fazer... E eu também descobri uma coisa interessante. Infelizmente, grande parte da gente, não sei, uma parte dessa geração aí, perdeu contato com a terra. A galera não sabe plantar. A galera não sabe mexer com a terra, botar a mão na terra, andar com o pé no chão. Perdeu. A gente perdeu essa ancestralidade com a terra. E foi legal de sentir que algumas pessoas deram uma transformação a partir desse primeiro evento.

E aí apareceu mais maluco e disse vou fazer de novo. E aí nós fizemos. E aí foi interessante porque também acabou influenciando outras pessoas. Hoje em dia tem várias pessoas fazendo eventos com essa questão da natureza, levando as pessoas para plantar, fazer sistemas agroflorestais, junto com a questão da capoeira.

Então foi o primeiro passo. E hoje em dia eu vejo muito fruto. Ele veio conversar comigo. Pô, mestre, a gente se inspirou lá no seu trabalho. Então isso é legal. Só que depois aconteceu uma coisa bem interessante, porque o evento se chamava Permangola.

E aí quando eu estava fazendo meu doutorado na Ufba, eu fui fazer uma palestra um dia e tive o prazer de me encontrar com uma pessoa que mudou muito o meu conceito de vida e a maneira de pensar. Talvez algum de vocês já tenha ouvido falar. Se chamava Nego Bispo.

Então, Nego Bispo, a gente se encontrou no confronto. Eu fui lá, todo entusiasmado, para falar do permangola, da permacultura. E aí uma palestra como essa, ele do meu lado, todo entusiasmado.

Aí ele olhou para a minha cara e falou assim, esse negócio de permacultura é coisa de colonizador. Isso é o pensamento colonialista, vendendo o produto para a gente. Eles roubam os nossos conhecimentos ancestrais e vendem depois para a gente, como se fosse alguma coisa que é deles.

Rapaz, eu por dentro... Você fazendo uma coisa há mais de 15 anos, todo entusiasmo, e o cara lançou uma cara que se chama de colonizador e ladrão. E aí, até hoje eu estava explicando um pouquinho a minha tese de doutorado... Eu falo sobre o cosmograma, o cosmograma bakongo, que é o conhecimento ancestral do povo bakongo. E a minha segunda palestra ia ser exatamente sobre isso. E aí eu comecei a falar sobre o cosmograma bakongo, sobre a ancestralidade. Aí ele virou para mim e falou, é disso que você tem que falar, não tem que falar desse negócio de permacultura.

E aí acabou que depois ele trocou uma ideia. E aí eu cheguei para ele e falei, pô, mestre, eu vou defender minha tese? Eu gostaria muito que o senhor estivesse lá presente. Ele falou, eu vou. E aí no dia em que eu estava defendendo a minha tese, lá na universidade, eu olho assim, estou vendo, ele estava lá.

E aí depois que terminei e tal, ele chegou para mim e falou assim, eu tenho uma coisa para falar com você. Falei, eu vou para casa. Ele falou, eu vou lá para sua casa também.

Aí fomos lá, sentamos. E aí, eu nego assim, né, cara? E o mestre gostava de tomar uma.

Você vai tomar uma cachaça comigo? Eu falei, porra, mestre. Ele falou, não, você vai tomar. Eu disse, tá bom, mestre. Vou abrir essa exceção para o senhor.

E aí ele me disse: eu tenho uma coisa para te falar. Eu tenho uma proposta. Você vai mudar o nome desse evento seu. Ele não pode se chamar Permangola. Ele vai se chamar Cosmangola.

Porque você fala sobre as cosmologias africanas, você fala sobre as cosmologias indígenas. Então, você fala sobre o cosmo. E como é que você vai ficar falando palavras de colonizador?

E aí, cara, foi um grande lar. Mas mais do que isso. Ele me ensinou que o que a gente faz, na verdade, são culturas ancestrais.

Na verdade, quando eu estou lá, na roça, trabalhando, eu não estou fazendo nada mais, nada menos do que as roças de quilombo. As roças indígenas, agrofloresta. O que o pessoal chama de agrofloresta, os indígenas daqui do sul já faziam com a erva mate, já há muitos anos. O pessoal fazia as coivaras.

Então, muitas vezes, a gente adota conceitos que são colocados para a gente como conceitos totalmente inovadores. Mas se a gente olhar para dentro da nossa própria ancestralidade, eles já faziam isso, gente. Já faziam.

Na verdade, se você for olhar, os terreiros são um dos maiores preservadores da natureza. Por quê? Não há terreiro sem folha. Não tem. Não tem terreiro sem folha. Então, nós preservamos a natureza não é só porque é bonitinho, porque é moda, não.

É porque a natureza é parte da nossa ancestralidade. Se não tiver as folhas, a gente não tem sangue, não tem os banhos, não tem nada. Então, a gente preserva a natureza é por necessidade, é porque a gente precisa.

Então, muitas vezes eu tenho muito embate com o pessoal que diz o ambientalista, sim, mas o que você realmente está fazendo de verdade, além de ficar de bababá? Está entendendo? Porque o ambientalista, para mim, ele tem que estar com a mão na massa.

Você tem terra? Não. Está ajudando alguém na terra?

Não. Está fazendo o quê? Eu estou lá na universidade estudando agroecologia.

Legal, cara, massa. Mas e aí? E o real?

Então, a gente tem um espaço lá, em Valença, tem algumas pessoas aqui que já estiveram lá. O espaço não tem muita coisa, mas a gente tem a oportunidade também de trabalhar, de fazer, de botar a mão na massa.

Então, eu fico muito triste hoje em dia que já tive a oportunidade de ter essa experiência de criança de sete, oito anos de idade que nunca subiu em uma árvore, cara. Isso é um crime. Eu acho isso um crime.

Não é? Você imagina. Sobe na árvore, nunca subiu em uma árvore, não.

Está entendendo o que a gente está fazendo com essas crianças? Então, quando eu estou falando de capoeira, eu estou falando disso. Eu estou falando da gente também voltar um pouquinho. Não é?

Outra coisa. Nós, como capoeiristas, nós podemos causar um impacto muito grande, cara. É porque às vezes a gente não pára para pensar. Uma sacola a menos que você pegar no supermercado, só uma, conta quantas sacolas a menor vão ter aqui. Isso é um impacto na natureza. Está entendendo? Um corpo plástico. Então, assim, para mim, trabalhar com a questão da natureza é isso.

É você ter consciência também de cada coisa que você está fazendo no seu dia a dia. Não é só falar. Está entendendo?

Porque muitas vezes a gente consome pelo consumir, cara. Porque o outro está com o tênis novo, aí eu tenho que estar com o tênis novo também, só que eu tenho dez tênis lá em casa, já. Que não está gasto ainda.

Saiu uma marca nova de telefone, eu tenho que consumir esse telefone. Então, assim, se nós, capoeiristas, cada um começar a ter um pouquinho de consciência sobre isso, isso sim, para mim, é preservado. É você fazer a sua parte.

É tentar ver como é que eu posso contribuir. Quando a gente tem um evento lá, a gente dá as canecas uma para cada um. Porque se for usar copo plástico, imagine, uma semana todo mundo usando copo plástico. Usando prato descartável. Não dá. A única maneira de quebrar isso é parando de consumir. Ou diminuindo o consumo.

Todo mundo fala reciclar. Pô, cara, reciclar é massa. É muito bom para aliviar a consciência da gente. É só para isso. Reciclar é bom para aliviar. Por quê? Porque você consome e fala ah, não, não se preocupe não, porque vai ser reciclado. Só que depois, o tanto de energia que vai ser gasto para se reciclar isso é maior do que produzir um outro novo. E a gente não pensa nisso. Não é reciclar. É reduzir. Essa que é a palavra correta. É reduzir. É parar um pouco de consumir. Porque isso sim, quando a gente reduz, os recursos naturais também são reduzidos. A reciclagem, não. Você produz mais, mais e mais. E quanto mais você produz, mais reciclagem. Ou seja, minha consciência está totalmente tranquila porque eu não estou prejudicando a natureza. Eu estou consumindo, mas está sendo reciclado. Sim, aí eu consumo mais. Então, a gente tem que pensar nisso também.

Todo mundo fala, né? Estão acabando com a beriba, né? Tem esse discurso aí. Ah, porque o pessoal está tirando a beriba. Ah, porque vai acabar com a beriba. Não, não, não, não. A beriba não vai acabar. Ela não vai acabar. Primeiro, quando você faz o corte certo da beriba, você corta uma beriba, quem conhece? Quantas que brotam depois? Várias. Muitas. Agora, tem uma coisa que acontece. Se nós não preservarmos a Mata Atlântica, acabou a beriba. Porque a Mata Atlântica é maior do que a beriba. A Mata Atlântica é que faz com que nós tenhamos a beriba para fazer o berimbau, sabia disso?

Por quê? Porque a beriba nasce, ela cresce para buscar o sol, e ela cresce retinha. Se você pegar uma semente de beriba e plantar no lugar aberto, o que é que acontece, quem conhece? Ela nasce cheia de galho. Não serve para fazer nem berimbau, nem cacete para bater na cabeça. Nem bastão de maculelê sai. Então, a nossa luta como capoeiristas é muito maior do que salvar a beriba. É salvar a Mata Atlântica.

É conservar a Mata Atlântica, por quê? Se tiver um pé de beriba maduro, já dando a semente, o que é que acontece? O morcego, os passarinhos, a cutia, pega essa semente, sai espalhando, e daí a pouco, meu irmão, você tem uma mata cheia de beriba de novo. E uma coisa que eu descobri por conta própria, depois que eu fui perguntar, a beriba, ela tem um poder de dormência. O que é que acontece com a beriba? Eu corto.

Aí limpo isso aqui tudo. Ela não nasce, ela fica lá. Assim que a mata começar a regenerar, o que é que vai acontecer? Ela começa a brotar de novo. Ela consegue ficar até quase 20 anos em dormência, e depois aparece de novo. Eu falo isso porque lá na estrada lá de casa, como um lugar que por muito era estrada, e a gente deixou, e aí começou a nascer vários pés de beriba. Eu fui olhar, o que é que acontece? Era um troncozinho de beriba, estava lá embaixo, a terra em cima. Assim que a terra começou a ficar melhor, ela já começou a botar os galinhos, e começou a nascer de novo. Ou seja, gente, se a gente deixar a natureza quietinha, bonitinha... ela rebrota. Eu falo isso, quem foi lá no quilombo, lá já viu.

Aquela área que a gente tem lá, hoje em dia, olha que lindo, que bonito, eu mostro as fotos para vocês, era pasto. Quando eu comprei lá, tinha gado lá. Algumas áreas, eu trabalhei duro para recuperar. Outras áreas, o que aconteceu, é uma coisa bem interessante. A mata é como uma ferida. Quando a gente tem uma ferida, abriu. O que acontece? Se você cuidar dela devagarinho, a tendência dela é fechar de novo. Por que eu estou falando isso?

Tinha uma área ali em casa que tinha uma floresta desse lado, uma floresta desse, uma floresta desse, e um vão que o cara tirou para fazer de pasto. E aí, eu comecei a observar que essa área estava se recuperando muito rápido, mais rápido do que uma área que eu estava tentando recuperar, para poder acabar com o capim. Aí eu perguntei ao amigo meu, biólogo, ele falou exatamente isso, ele falou o seguinte, tem uma mata aqui, tem uma mata aqui, então aqui vira um corredor para os animais, para os pássaros. Então, nessa passagem, eles deixam semente, já caga adubado, e aí, aquela área rapidamente se fecha de novo. Então eu achei isso uma coisa muito interessante. Por quê?

Porque, cara, quer dizer que quem está atrapalhando a natureza, é a gente, é nós humanos, é a verdade. Se a gente desaparecer, então esse discurso de que vamos salvar a natureza, isso é a maior falácia do mundo, sabia? A maior falácia. Na verdade, a gente não está salvando a natureza, não. A gente está tentando salvar a espécie humana. Porque somos nós que estamos instituindo. Essa é a verdade. Porque, se a gente desaparecer, a natureza se recupera. O exemplo disso sabe o que foi?

Quando teve a pandemia. O que aconteceu? O ar ficou melhor. Lembra? Vários animais começaram a voltar. Muitas partes de um lugar se regeneraram. Então, provou mais uma vez que a natureza por si só ela tem capacidade. O que nós vamos ter cuidado é com a raça humana. Porque senão vai acontecer o que aconteceu com os dinossauros. E aí só vai ficar uma história dos humanos na Terra.

Obrigado. Nem falei de capoeira, viu gente?

Capoeira é mata. Na verdade, capoeira não é o mato em si. A capoeira é o mato que exatamente nesse momento que a mata foi cortada e ela começa a renascer.

Gingando na linha de Calunga

Quando eu escrevi a minha tese de doutorado, eu coloquei... O nome da minha tese é Gingando na Linha da Calunga. Mas por que eu coloquei esse nome? Gingando na Linha da Calunga? Porque eu escolhi sobre os bakongos.

Os bakongos, eles acreditam que o nosso mundo está dividido em duas partes. O mundo dos vivos, que é aqui onde nós estamos, e aqui embaixo tem o mundo dos ancestrais. E tem uma linha que divide esses dois mundos que é a famosa Linha da Calunga, né?

Inclusive, o pessoal disse que eu não sabia, mas cruzou a Linha da Calunda, ou seja, foi para o mundo dos ancestrais. Mas eu também, quando eu comecei a estudar sobre isso, eu descobri que essa linha ela não divide só os dois mundos, dos vivos e dos ancestrais. Ela divide também o morro da cidade.

Ela divide o conhecimento ancestral do conhecimento acadêmico. Ela divide aqueles que têm muito e não divide com ninguém, com aqueles que têm pouco e divide com todos. Então, essa Linha da Calunga, ela é divisória.

Só que alguns de nós, como você e vários outros que estão aqui, nós conseguimos chegar aqui no meio e a gente consegue gingar entre esses dois mundos. A gente consegue chegar lá e ao mesmo tempo continuar com o nosso pé na nossa ancestralidade. A gente consegue ir lá, comer junto com eles, mas a gente não esquece que onde a gente vem é o famoso Sankofa. Se a gente sabe de onde nós viemos, não importa para onde eu vou. Eu sempre sei meu caminho de volta. Então, quando eu coloco que a gente gunga nesses dois mundos, é porque a gente tem esse poder.

Você entra no palácio do governo, conversa com o governador, mas se precisar conversar com a malandragem, você também conversa. Está correto. Está entendendo?

Você vai na favela, você vai no condomínio também, mas você sabe de onde você vem. A questão toda, infelizmente, e isso é uma realidade que deve ser falada, alguns dos nossos descendentes esqueceram de onde eles vieram. Hoje em dia, não conseguem voltar para a sua ancestralidade. Você não sabe de onde é mais. Não sabe de onde são. E eles realmente acreditam que agora eles estão aqui.

Quando eu entrei na universidade, uma das coisas que eu falei, inclusive a mestra Janja, que era para estar aqui junto com a gente, grande parceira, olha, nós não somos aceitos lá. Quem se achar que está dentro da universidade e que lá você está aceito, desculpa, está muito enganado. Nós somos tolerados.

Nós somos tolerados. Eles não têm como botar vocês para fora, não aceitam. Agora, na primeira oportunidade, não se ame, não.

O primeiro vacilo, o primeiro escorregão que você der, quando você olhar, você já está lá fora. E essa é a nossa realidade. Por quê?

Ninguém sabe onde é que veio. Então, se você sabe de onde você veio, não importa onde você está. A qualquer momento, você sabe.

Se eu voltar para a minha comunidade, eu sou bem aceito. Por quê? Porque eu nunca perdi a minha ancestralidade. Eu nunca tirei meu pé do chão. O tempo todo eu estava aqui só só na ginga. Só estava gingando.

Como a gente capoeirista sabe, o nosso equilíbrio está exatamente no desequilíbrio. Então, o capoeirista que fica parado, o que é que acontece?